

## OS MESQUITAS DO “ESTADÃO” VISTOS PELA GENEALOGIA JUDAICA

*Paulo Valadares \**

**Resumo:** *A família Mesquita é uma das mais importantes no Brasil. É uma centenária dinastia de jornalistas que publicam o jornal O Estado de S. Paulo. São liberais no estilo inglês. Durante a Monarquia foram republicanos e abolicionistas. Opuseram-se ao Fascismo e ao Comunismo. Hoje defendem a livre iniciativa. Apesar de católicos conservadores seus detratores lembram uma possível origem cristã-nova. Este ensaio analisa a documentação e a genealogia de Francisco Mesquita e seu relacionamento com a cultura cristã-nova.*

**Abstract:** *The Mesquita family is one of the most important Brazilian families. They are, since a hundred years ago, a dynasty of journalists who publish the major Brazilian newspaper O Estado de S. Paulo. One can say they are liberals in the British style. During the Monarchy, they were Republicans and Abolitionists. Later they were against Fascism and Communism. Today they are a favor of free economy. Even knowing they were conservative Catholics, their detractors usually refer to a probable New-Christian origin of the Mesquita family. In the quest to tell this essay we gathered all available documentation and sketched a genealogy of the descendants of Francisco Mesquita, while using the family history as background and telling the relationship of this family with the Marrano culture.*

Os Mesquitas que controlam desde 1891 o jornal “O Estado de S. Paulo” formam uma dinastia jornalística centenária, rara no mundo das comunicações, ombreada apenas pelos americanos Ochs, ligados ao “New York Times”<sup>1</sup>. Com o falecimento de Júlio Mesquita Neto em 1996, neto do fundador, resolvi compor a genealogia desta importante família luso-brasileira abordando funda-

---

• Historiador, membro da *Sociedade Genealógica Judaica do Brasil*, *Colégio Brasileiro de Genealogia* e *Associação Portuguesa de Genealogia*.

<sup>1</sup> Adolph Simon Ochs (1858-1935) comprou o “N.Y. Times” em agosto de 1896. A partir dele o controle dessa empresa jornalística ficou na família: a filha Iphigene Bertha Ochs (1892-1990), o genro Arthur Hays Sulzberger (1891-1968) e o neto Arthur Ochs Sulzberger, “publisher” até 1992. Os Sulzbergers são parcialmente descendentes de cristãos-novos portugueses: Mendes Seixas e Maduro Peixoto.

mentalmente uma questão que já foi polêmica na sociedade ibérica: a origem judaica recebida através de possíveis ascendentes cristãos-novos portugueses.

Apesar da importância desta linhagem e do seu envolvimento com o mundo intelectual, não há muitas informações biográficas e genealógicas publicadas desta família. Eles sempre cultivaram uma vida discreta. Criaram um muro em volta de si protegendo-se das vistas de estranhos. O que lhes aumentou esta aura de mistério. Creio ter sido um dos primeiros genealogistas a ocupar-se com esta gente, ao publicar em 1998, um pequeno artigo onde incorporei os dados recolhidos em documentos de Arquivos Distritais portugueses, cartórios nacionais, lápides cimiteriais e informações dispersas em livros e jornais<sup>2</sup>. Este trabalho é o resultado da pesquisa que seguiu ao artigo mencionado, amadurecida nestes anos e que levo à sua leitura.

### *A gênese da linhagem*

São duas linhas que convergem para a formação dos Mesquitas campineiros e paulistanos. É uma linha vinda da *landed gentry* cafeeicultora paulista, endogâmica e registrada no “Silva Leme”; e outra, de imigrantes portugueses no século XIX. Estas linhas vão se encontrar no processo de urbanização brasileira através dos casamentos de bacharéis e as filhas de fazendeiros. Em nosso caso a varonia é recente. O tronco do clã é o comerciante trasmontano Francisco Ferreira de Mesquita (1838-1898) que veio a Campinas em 1858 a chamado dos irmãos António Júlio e Augusto Mesquita, onde eles encontram outro clã oriundo de sua aldeia de origem, os Ferreiras Novos.



Francisco Ferreira de Mesquita (Agência Estado)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> VALADARES, Paulo. “Os Mesquitas de Campinas e S. Paulo. A dinastia centenária de jornalistas”. IN: *Gerações / Brasil*, vol. 4, nº 1, janeiro de 1998, pp. 4-10.

<sup>3</sup> Agradeço ao historiador A. P. MARCONDES a localização deste documento.

### Por que eles emigraram?

A resposta comum a quase todos os emigrantes portugueses tem raiz na economia e na busca de ascensão social. Porém outros fatores aparecem na história desta família combinados aos anteriores. Aqui lembramos duas histórias contadas na família que explicariam esta transumância<sup>4</sup>.

- 1) O pai dos três irmãos seria certo “Capitão Monteiro”, de origem camponesa, pertencente à tropa comandada pelo Brigadeiro Carlos Frederico Lecor, visconde de Laguna (1764-1836), que fez a campanha de Cisplatina. Ele retornou à metrópole, já com as divisas de capitão, onde se casou (ou já era casado) com uma moça da aristocracia de sua região. Durante os conflitos entre miguelistas e pedristas, contrariando os filhos, ele tomou posição junto aos legitimistas de D. Miguel. Isto levou à fratura familiar, os filhos abandonaram o sobrenome paterno, adotaram o materno e depois emigraram para o Brasil.
- 2) Os três irmãos ficaram órfãos muito cedo. Foram criados então por um tio padre. Com a maioridade, o mais velho deles esbanjou a herança comum e assim tiveram que procurar um lugar onde pudessem reconquistar o pecúlio perdido. Esta versão é reforçada pelo assento de batismo do ádvena Francisco Ferreira de Mesquita (DOC. 1)<sup>5</sup>, pois o seu padrinho é o Padre Francisco Manuel de Mariz Sarmiento Pinto da Mesquita (1750 - ?), Abade de S. Cosme do Vale, no Minho, filho de Domingos José Pinto da Mesquita e Maria Antonia Luisa Josefa Narcisa Margarida de Mariz Sarmiento, pertencentes à Casa da Rua do Poço<sup>6</sup>.

Estas duas histórias são as tentativas de explicações familiares para a emigração ao Brasil, mas no processo de sua inserção na elite nativa, surgiu uma questão que deixou estas histórias de lado: os Mesquitas teriam ascendência judaica por seus ancestrais cristãos-novos. Aparentemente, hoje, a ascendência não é condição para integrar-se à elite política. Já que a entrada de imigrantes extra-ibéricos vai apagando lentamente os usos e costumes portugueses, deixando os critérios da “*limpeza de sangue*” como um velho anacronismo ibérico. Mesmo assim, os Mesquitas foram combatidos por seus adversários usando esta possível origem como instrumento de desqualificação social. Mas será isto verdade?

---

<sup>4</sup> MESQUITA, Esther. *Um livro de memórias sem importância*, pp. 58-9.

<sup>5</sup> Agradeço ao Sr. Manuel Silva GONÇALVES (Arquivo Distrital de Vila Real) a localização do assento de batismo mencionado

<sup>6</sup> TEIXEIRA, Júlio A. *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu termo*, II, p. 451.

### *Vila Real e os Mesquitas*

Os Mesquitas campineiros são oriundos de Relvas, freguesia de S. Cristóvão de Parada de Cunhos em Vila Real de Trás os Montes, relativamente próxima à fronteira espanhola. A pujança dessa cidade atraiu tanto fidalgos, quanto cristãos-novos, para o seu território. Os cristãos-novos fizeram esta opção, muitos empurrados pela expulsão dos judeus de Espanha em 1492 e atraídos também pela prudente distância das varas da Inquisição. Dentre tantos cristãos-novos de nomeada, ali viveu o casal Francisco Fernandes e Violante Dias, com uma loja de fanqueiro, isto é, “*venda de tecidos de algodão, lã, linho*” na Fancaria de Cima, pais do infeliz Manuel Fernandes Vila Real, queimado no Auto da Fé de 1652 e de quem descendeu Benjamin Disraeli (1804-1881), ministro da grandeza imperial britânica. Porém quem colocou a cidade na literatura portuguesa, tirando-a do anonimato provinciano, foi o grande romancista Camilo Castelo Branco, visconde de Ferreira Botelho (1825-1890), alfacinha (lisboeta) por nascimento, mas oriundo de família vilarealense e trasmontano até os ossos. Apesar dele fazer gala da fidalguia de sua linhagem, era de origem cristã-nova, tanto que um genealogista contemporâneo chegou a calcular, com a precisão de um matemático do Santo Ofício, a extensão do seu “sangue impuro” (sic). Camilo seria, de acordo com estes cálculos estapafúrdios: “*13/256 cristão-novo, ou seja, 5,078% cristão-novo*”<sup>7</sup> (??), pois entre os seus antepassados israelitas se destacam os “Barbados do Açougue”, Diogo Dias (o “Cheira Dinheiro”), Rachel Mendes (“A Barbada”), Martim Menezes, “*que acoimavam de judeu, da casta sefardim, que tem rabo*”<sup>8</sup> (sic) e também, por sua pentavó paterna Isabel de Mesquita, descendente do último Grão-Rabino de Castela.

Mesquita é um fóssil onomástico da guerra aos islâmicos. É um despojo militar e teria sido adotado por cinco irmãos da família Pimentel, de Vila Real, que nas guerras contra os muçulmanos, sob o comando de D. Afonso V, teriam tomado um destes locais de orações islâmicas (*meçchid* em árabe, mesquita em português) na marroquina Arzila. O brasão clânico com as cinco cintas, sete flores de lis, o mouro nascente e a azagaia, em ouro e azul, alude a esta façanha. Não há documentação razoável para confirmar esta história com ares de lenda, baseada muito provavelmente nos arquétipos formadores da nação lusa. O certo é que o nome não prosperou na nobreza lusitana. O melhor exemplo encontrado nos nobiliários é o registro de um dos bravos do Mindelo e general antimiguelista da mesma Vila Real (Miguel Correia da Mesquita Pimentel, barão de Mesquita, 1792-1860) e o escritor e jornalista, Augusto César Ferreira de Mes-

<sup>7</sup> SOUSA, José de Campos e. *Processo genealógico de Camillo Castelo Branco*, p. 104.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Aquilino. *O romance de Camillo*, p. 16. Os judeus sefarditas ou sefardim são os de origem ibérica.

quita, conde de Mesquita (1841-1912), de nobreza mais que recente, a chamada do pé fresco<sup>9</sup>.

Muitas das famílias Mesquitas de Vila Real são inteira ou parcialmente de origem judaica. Os registros desta origem etnocultural estão nos processos inquisitoriais movidos a cristãos-novos deste apelido familiar, nos processos de recrutamento dos Familiares do Santo Ofício (FSO) e mais timidamente em algumas genealogias já publicadas. O número destes personagens é suficientemente expressivo para confirmar esta origem. Uma das principais famílias Mesquitas é a dos Morgados de Lordelo, os Nizas *da* Mesquita, que descendem por via materna do Rabino Abraham Senior (Fernán Pérez Coronel, 1412-1493), último Grão-Rabino de Castela. Aliás, neste ramo encontra-se reiteradamente o prenome Ruy em seus membros, algo que também aparece entre os Mesquitas estudados neste ensaio<sup>10</sup>. Dentre os quinze Mesquitas processados como judaizantes, três deles foram queimados como “judeus convictos”: Teotônio da Costa Mesquita que viveu em Santo Amaro foi queimado em 1686, o Dr. Francisco de Sá e Mesquita em 1704 e Ignês de Mesquita em 1731<sup>11</sup>. Na diáspora cristã-nova também são encontrados judeus deste apelido em Amsterdã, Kingston, Londres, Nova York, Paris e Baionne<sup>12</sup> e um deles, o rabino holandês Moses Gómez de Mesquita (1688-1751) dirigiu a *Spanish and Portuguese Jews Congregation* em Londres.

### ***A construção da identidade em S. Paulo***

Os rumores da possível origem judaica destes Mesquitas tomou corpo na luta política vivida na década de trinta passada. A administração pública ainda era exercida em sua maioria pelos descendentes das *famílias históricas* que buscavam por uma série de subterfúgios excluírem os imigrantes e seus filhos destas

---

<sup>9</sup> Ao estudar o oficialato do Exército Português encontrei um provável membro deste clã e homônimo dos jornalistas brasileiros: é o Capitão *Júlio Mesquita* de Gouveia Durão (Porto, 1888 – id., 1977), prisioneiro dos alemães durante a I Guerra Mundial. Ele era filho de Maria dos Prazeres Pinto de Mesquita Carvalho. Cf. *Nota dos assentos que tem no registro de matrícula o oficial mencionado (Arquivo Geral do Exército)*. Há uma genealogia deste oficial na WEB (acesso em 2 de junho de 2006): [http://genealogia.netopia.pt/pessoas/pes\\_show.php?id=276151](http://genealogia.netopia.pt/pessoas/pes_show.php?id=276151).

<sup>10</sup> VALADARES, Paulo. *A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, p. 63.

<sup>11</sup> CARVALHO, Flávio Mendes. *Raízes judaicas no Brasil. O arquivo secreto da Inquisição*, pp. 260-1.

<sup>12</sup> FAIGUENBOIM, Guilherme; VALADARES, Paulo; CAMPAGNANO, Anna Rosa. *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*, p. 327.

atividades nobilitantes<sup>13</sup>. Portanto admitir origem judaica, ainda que através da ascendência cristã-nova portuguesa, era um pretexto para exclusão desta elite administrativa.

Júlio Mesquita Filho e o cunhado Armando de Sales Oliveira, ao controlarem um jornal influente, atraem para si o desagrado dos que se opõem às suas idéias de modernização da sociedade. Isto leva a serem “acusados” (sic) de judeus ou descendentes de cristãos-novos, que para estes opositores é a mesma coisa. O escritor cearense Gustavo Barroso (1888-1959), líder de uma facção anti-semita dentro da Ação Integralista Brasileira, lhes moveu uma campanha de estigmatização, através de um de seus “*tições*” (genealogias *ad odium*): *A sinagoga paulista* (1937).

Durante a campanha de Armando pela Presidência da República, em 1937, foi distribuído um volante anônimo nas portas das igrejas católicas, onde as biografias dos acionistas do *Estadão* são recriadas pela ótica anti-semita (DOC. 2)<sup>14</sup>. O autor partiu de uma certeza, a origem judaica da varonia, e a partir de verdades e meras coincidências buscou criar um vilão político, usando os bichos-papões da época: o judeu, o maçom e até o socialista. É a construção de um inimigo ideal para as massas em sua ignorância odiarem.

O governo Vargas, como todas as vocações ditatoriais contemporâneas, também possuía a sua face anti-semita. Maria Luiza Tucci Carneiro em *O Antisemitismo na Era Vargas (1930-1945)*, lidando com a documentação do Ministério das Relações Exteriores, mostrou a formação anti-semita da burocracia estatal da época. O sentimento anti-semita voltava à intolerância dos tempos inquisitoriais. A hostilidade aos judeus não ficava apenas nas barreiras migratórias, como também na associação destes ao momento político interno.

Em fins de 1936 foi deportada e depois assassinada pelos nazistas, a agente comunista alemã Olga Benario (1908-1942), esposa do Capitão Luís Carlos Prestes, qualificada como sendo de “*raça israelita*”. A onda anti-semita culminou com a apresentação do “Plano Cohen”, documento forjado pelo Capitão Olímpio Mourão Filho em setembro de 1937, que serviu para justificar a ditadura do Estado Novo.

O folheto nasceu neste momento político. Isto fica claro pela escolha do alvo. Assim como para o médico, existe o feiticeiro, o historiador também tem o seu mistificador. Ele defende uma história conspiratória do mundo, acredita piamente que os homens que governam fazem parte de um complô, acredita na

---

<sup>13</sup> Sob o conceito de *famílias históricas* leia: OLIVEIRA, Ricardo Costa de; *O silêncio dos vencedores. Genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*, p. 15.

<sup>14</sup> Agradeço a Prof<sup>a</sup> Maria Alves de Paula RAVASCHIO (Centro de Memória da UNICAMP) a cessão de uma cópia deste folheto.

força de sociedade secretas e demoníacas. Este “historiador” tem no anti-semitismo um cardápio que alimenta a sua alma doente.

Mas vamos ao que o anônimo autor tem a dizer. Suas teses são singelas: Armando de Sales Oliveira não é Armando de Sales Oliveira, e sim Armando Feldman Moretzsohn e estaria ligado aos Mesquitas, cujo patriarca seria “*Rabino em Campinas e chefe do Kahal paulista*”, um grupo “*notoriamente ligado as finanças judaicas internacionais*”. Nesta barafunda toda “acusa” o político de “*socialista*”, afinal é “*Leon Blum do Brasil*”, mas se contradiz, afirmando que ele junto ao banqueiro Numa de Oliveira representariam a “*judiaria capitalista no Brasil*”. Se não bastassem tantas asneiras juntas, Oliveira, além de não ser ele mesmo, seria também “*maçon, grau 33*”, aliás “*judeu e maçon*”. E rematava aos carneirinhos brancos da época: “*catholicos!...cuidado!...cuidado!...*”.

Desalinhemos pois as besteiras do autor, que se não foi, esteve muito próximo a Gustavo Barroso.

A genealogia verdadeira de Oliveira está linhas adiante. Não há nenhum Moretzsohn, Feldman ou Campista em sua árvore genealógica.

Pesquisando bastante, descobrimos como o mau genealogista chegou a tão disparatada genealogia.

Viveram em Campinas, no final do século passado, um Moretzsohn de origem asquenase (judeu alemão) e um Mesquita rabino, daí o estalo de “gênio” deste “historiador”. O primeiro foi Francisco Xavier Moretzsohn, diretor do Colégio Culto a Ciência em Campinas entre 1874 a 1875. Ele fora sócio da empresa comercial carioca “Antonio de Oliveira e Castro & Co.” O mais famoso dos Moretzsohn foi David Moretzsohn Campista (1863-1911), citado no folheto, mas cujo nome verdadeiro era este mesmo.

O Mesquita rabino é plenamente conhecido. Trata-se do Dr. Samuel Edouard da Costa Mesquita (1837-1894), dentista nascido na França, morador em S. Paulo, que foi casado com Mary Roberta Amzalak, “*o ramo de murta a recender cheirosa*”, musa do poeta Castro Alves e que ia a Campinas para exercer o prosaico ofício odontológico. Era judeu, não escondia isto de ninguém, vivia como tal, portanto somente a má-fé pode confundi-lo com o Francisco Ferreira de Mesquita, com quem não mantinha laços de parentesco nas últimas gerações<sup>15</sup>.

Percebe-se que o panfletário descobriu uma empresa, “Antonio de Oliveira e Castro & Co.”, cujo sócio fora Francisco Xavier Moretzsohn, morador em Campinas. Um dentista e rabino, Samuel Mesquita, que também ia à cidade.

---

<sup>15</sup> VALADARES, Paulo. “*Qual a família judia mais antiga de S. Paulo?*”. IN: *Revista do AHJB* nº 33, janeiro de 2005, pp. 10-12.

Aproveitou a circunstância que a empresa comercial de Armando de Sales Oliveira tinha uma razão social parecida, “Salles Oliveira e Sá” e que este era casado com Rachel Mesquita, neta de Francisco Mesquita, de Campinas. Ajuntou a estes ingredientes a possibilidade da origem cristã-nova dos personagens, expandiu a sua fantasia, estava pronto o folheto, que logo seria desmentido pelos fatos, pois Armando de Sales Oliveira, morreu catolicamente, recebendo até a extrema unção como escreveu o seu biógrafo<sup>16</sup>.

Assim nota-se que este folheto, não fez parte apenas da campanha eleitoral de 1937, mas também pensando melhor, numa ilustração ou rodapé para uma futura história da estupidez humana ainda por escrever.

### **Conclusão**

Apesar destas imprecisões genealógicas a imagem de judaizantes colou ao clã. Isto é perceptível nas conversas sobre eles quando observadores externos à linhagem confundem lenda e realidade. O ex-deputado federal N., muito ligado ao jornal, contou-me que um jornalista veterano da casa lhe confidenciara que os Júlios ao morrer eram banhados judaicamente antes do sepultamento. No falecimento de outro Mesquita noticiou-se que “*o Rabino Henry Sobel, amigo da família, fez orações junto ao caixão*”, informação zelosamente “corrigida” na edição seguinte: “*as orações no velório de José Vieira de Carvalho Mesquita, no Hospital Albert Einstein, foram feitas pelo padre Benedito Marcondes Pereira*”<sup>17</sup>. Esta identificação etnocultural também repercutiu na colônia judaica, ela acreditou que o filo-semitismo do jornal enquanto foi dirigido pelos descendentes do primeiro Júlio Mesquita, deveu-se a origem cristã-nova dos seus proprietários, daí a razão da simpatia grupal a ele. Mesmo com as mudanças editoriais, judeus podem comprar e ler outro jornal, porém os anúncios fúnebres de seus familiares são veiculados no *Estadão*.

Esta imagem tem a sua razão de ser. Não é apenas uma construção vazia dos anti-semitas. Ela surgiu com o primeiro Júlio Mesquita (1862-1927), o filho de um imigrante do “*marrano country*” português<sup>18</sup>, oriundo de uma destas famílias cujos rumores de ascendência judaica vêm sendo murmurados ou confirmados desde a conversão forçada dos judeus no século XV e que tornou visível alguns elementos culturais atribuídos a este grupo: os nomes veterotestamentários de suas filhas (nomear um filho, é dar um modelo histórico, para

<sup>16</sup> SILVA, A. C. Pacheco e. *Armando de Salles Oliveira*, p. 168.

<sup>17</sup> *O Estado de S. Paulo*, 28 e 29 de julho de 1988.

<sup>18</sup> “*Marrano country*”, expressão cunhada pelo historiador inglês Lucien Wolf (1857-1930), para a região compreendida entre Vinhais e Castelo Branco onde se concentra a maioria das famílias de origem cristã-nova, algumas delas, ainda judaizantes.



que ele se aproxime das virtudes do homenageado), a seleção de um pequeno grupo de origem portuguesa para prática da endogamia, a iconografia messiânica do seu ex-libris, o seu inconformismo social, o filo-semitismo do jornal e a defesa de valores, como a separação de Igreja e Estado. Porém o seu casamento na elite quatrocentona mudará lentamente os valores e as características de seus descendentes. Progressivamente eles vão se integrando nesta elite nativa e já na quinta geração se identificam como todos deste grupo aristocrático de S. Paulo: “sua origem é a mais paulistana possível. Remonta a João Ramalho e a índia Bartira”<sup>19</sup>....

#### TÍTULO MESQUITAS DE VILA REAL (PORTUGAL), CAMPINAS E S. PAULO

##### § 1º

- I- FRANCISCO FERREIRA DE MESQUITA nasceu no concelho de Relvas, freguesia de S. Cristóvão de Parada de Cunhos, Vila Real (Portugal) e morreu em Itapira, S. Paulo (9 de fevereiro de 1838 – 20 de dezembro de 1898)<sup>20</sup>, filho de Joaquim Ferreira Monteiro (será o tal “Capitão Monteiro” miguelista?) e Luiza Margarida Pereira *da* Mesquita; neto paterno de José Joaquim Ferreira e Luiza Maria, da freguesia de Santa Maria dos Anjos da Vila de Goufins; neto materno de José Álvares *da* Mesquita e Helena Maria Pereira. Comerciante em Campinas com uma “*casa de comissões, depósito de sal, açúcar, etc.*” Fazendeiro de café em Jacutinga. Pertenceu a Loja Maçônica “Independência” (Segundo Vigilante) e a “Beneficência Portuguesa” (sócio nº 44, de 31-12-1883 até a sua morte)<sup>21</sup> em Campinas. Ele está sepultado num túmulo encimado por “*esfinge com motivos egípcios confeccionada com areia, pó preto e cola, no próprio local, de autoria desconhecida*” (DOC. 3)<sup>22</sup>. Não há nenhuma simbologia cristã visível. Somente nas gerações posteriores é que aparece a cruz em seus túmulos. Francisco Ferreira de Mesquita casou-se com MARIA DA CONCEIÇÃO FER-

<sup>19</sup> <http://gowheresp.terra.com.br/55/people/gente.htm>. Depoimento de Antonio Penteado de Mendonça (§ 12º). Acesso em 2 de agosto de 2006.

<sup>20</sup> Assento de batismo de 18 de fevereiro de 1838 (**Arquivo Distrital de Vila Real**) e Certidão de óbito nº 4518, fl. 81v, livro nº C-8 (**Cartório de Itapira**).

<sup>21</sup> Ofício DE nº 188/2006, 9 de junho de 2006, Dr. Arly de Lara ROMEO (**Real Sociedade Portuguesa de Beneficência**). A quem agradeço a informação.

<sup>22</sup> Cemitério da Consolação, S. Paulo, rua 24, túmulo 18. Tombamento de acordo com a Resolução SC – 28, 28 de junho de 2005.

REIRA NOVO<sup>23</sup>, também nascida em Relvas e falecida em S. Paulo (1834 - 31 de agosto de 1910), irmã do comerciante português Francisco Ferreira Novo estabelecido em Campinas. Francisco e a esposa retornaram em 1866 a Vila Real com os filhos Adelaide, Júlio e Augusto, depois de naufragarem na costa da Bahia e lá viveram por três anos, retornando então ao Brasil. Eles são os pais de:

- 1 (II) – ADELAIDE MESQUITA, a primogênita, C.c. ANTÔNIO JÚLIO NOGUEIRA DA SILVA (Uma neta do casal, OCTÁVIA DE CERQUEIRA CÉSAR, casou-se com o primo JÚLIO DE MESQUITA NETO, §6°. Sua irmã, Camila de Cerqueira César foi casada com o escritor Roland Corbisier, com geração).
- 2 (II) – AUGUSTO CÉSAR MESQUITA, *Nenê* (1863-1945), C.c. ANTONIETA PIMENTA.
- 3 (II) – MARIA PRECIOSA MESQUITA, *Mariquinhas*, nascida em Vila Real (1865-1945), C.C. DR. PEDRO AUGUSTO PEREIRA DA CUNHA (1850-1924).
- 4 (II) – FRANCISCO MESQUITA, *Chiquinho*.
- 5 (II) – ERMELINDA MESQUITA, *Biloca* (07 de março de 1869 - 1951), C.C. O DR. VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO (1866-1924), poeta, desembargador e deputado. Com geração descrita em “*Tribunal de Relação e Tribunal de Justiça. Sob o ponto de vista genealógico*”, de Frederico de Barros Brotero, pp. 303-9.
- 6 (II) – CONSTANTINO MESQUITA, *Tantico*.
- 7 (II) – JÚLIO CÉSAR FERREIRA DE MESQUITA, *que segue no §2°*.

#### § 2°

II– **JÚLIO CÉSAR FERREIRA DE MESQUITA** nasceu em Campinas e morreu em S. Paulo (18 de agosto de 1862 – 15 de março de 1927), filho de Francisco Mesquita (§1°). Estudou em Portugal e Campinas (Culto a Ciência). cursou a Faculdade de Direito de S. Paulo. Advogado, vereador em Campinas, deputado e jornalista. Abolicionista e republicano. Foi redator e Diretor-responsável do jornal *O Estado de S. Paulo* (1891-1927). Casou-se com **LUCILLA DE CERQUEIRA CÉSAR**, nascida em Rio Claro e falecida em Santos (22 de maio de 1864 – 17 de julho de 1916), filha do Dr. José Alves de Cerqueira César (Senador estadual e Presidente de S. Paulo) e Maria do Carmo Sales (irmã de Manuel Ferraz de Campos Sales, Presidente da República e tetraneta de Francisco Barreto Leme, fundador de Cam-

<sup>23</sup> Certidão de óbito nº 490, fls 151F, Livro C-0019 (Cartório de Santa Cecília, S. Paulo) e Livro de Inumação do Cemitério da Consolação nº 23, p. 37 (Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”, S. Paulo).

pinas), neta paterna de Bento Alves de Siqueira Bueno (SL, III, p. 207) e Maria Cândida de Cerqueira Leme e neta materna do Tenente-coronel Francisco de Paula Sales (SL, VIII, p. 155) e Ana Ferraz de Sales. Júlio e Lucilla são os pais de:

- 1 (III) – ESTHER MESQUITA, *que segue no § 3º*.
- 2 (III) – RACHEL MESQUITA, *que segue no § 4º*.
- 3 (III) – MARIA MESQUITA, *que segue no § 5º*.
- 4 (III) – JÚLIO DE MESQUITA FILHO, *que segue no § 6º*.
- 5 (III) – FRANCISCO MESQUITA, *que segue no § 9º*.
- 6 (III) – SARA MESQUITA, *que segue no § 12º*.
- 7 (III) – RUTH MESQUITA (1889 – 1906).
- 8 (III) – JUDITE MESQUITA, *que segue no § 13º*.
- 9 (III) – LIA MESQUITA, *que segue no § 14º*.
- 10 (III) – JOSÉ MESQUITA (1901-1902).
- 11 (III) – SUZANA MESQUITA (1902-1905).
- 12 (III) – ALFREDO MESQUITA, *que segue no § 15º*.

#### § 3º

III – **ESTHER MESQUITA**, *Teté* (26 de novembro de 1885 – 17 de dezembro de 1963), filha de Júlio Mesquita (§2). Tradutora, crítica musical e teatral. Fundadora e diretora da Sociedade de Cultura Artística. Traduziu Aristófanes, Shakespeare, Molière, Stanislavski e Molnar. Autora de um livro de memórias escrito em inglês e traduzido por um familiar (*Um livro de memórias sem importância*. S. Paulo, 1981). Segundo o seco obituário reservado as mulheres da família ela foi “*uma representante autêntica das virtudes tradicionais da Mulher bandeirante*”<sup>24</sup>. Aproveito para lembrar aos estudiosos de gênero um tema inexplorado (até iconograficamente): as biografias das filhas de Júlio Mesquita merecem uma atenção que ainda não lhes foi dada.

#### § 4º

III – **RACHEL MESQUITA** (14 de novembro de 1887 – 17 de maio de 1950)<sup>25</sup>, filha de Júlio Mesquita (§2). Casou-se com o DR. **ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA** (24 de dezembro de 1887 – 17 de maio de 1945), filho do engenheiro Francisco de Salles Oliveira Jr. (Dirigiu as obras de saneamento em Campinas logo após a epidemia de febre amarela que quase destruiu a cidade) e Adelaide de Sá, neto paterno de Francisco de Sales Oliveira e

<sup>24</sup> *O Estado de S. Paulo*, 18 de dezembro de 1963, obituário, p. 14.

<sup>25</sup> *O Estado de S. Paulo*, 18 de maio de 1950, obituário, p. 8.

Francisca Gomes Leitão<sup>26</sup>. Neto materno de António Nicolau de Sá (português de Mirandelo) e Ana Cândida Vieira Bueno (irmã da mãe do poeta Vicente de Carvalho, este casado com Ermelinda Mesquita, tia de Rachel). Engenheiro. Interventor em S. Paulo (1935-6). Foi um dos líderes da Revolução Constitucionalista de 1932. Junto ao cunhado fundou a Universidade de S. Paulo (USP). Candidato à Presidência da República. É nome da Cidade Universitária da USP e no seu túmulo no Cemitério da Consolação está gravado o *motto* da Universidade paulista: “*Scientia vince*”<sup>27</sup>. Ela recebeu extrema-unção do Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Rachel e Armando são os pais de:

- 1 (IV) – ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA FILHO (1912 – 1986) C.C. HELENA GOMESORO.
- 2 (IV) – JÚLIO DE SALLES OLIVEIRA (1915 – 1991), C.C. LÚCIA PORTUGAL, filha do Desembargador Silvio Portugal e Isolina Ramos de Figueiredo. Com geração.
- 3 (IV) – LUCILLA DE SALLES OLIVEIRA, C.C. ANTONIO LUÍS TEIXEIRA DE BARROS (1907 – 1987). Com geração.

#### § 5º

III – **MARIA MESQUITA** (15 de agosto de 1890 – 2 de maio de 1974)<sup>28</sup>, filha de Júlio Mesquita (§2º). Estudou no Colégio Sion. Ativista social. Trabalhou para a integração dos filhos de hansenianos na sociedade e também no incentivo aos filhos de trabalhadores rurais a estudarem na cidade. Pertenceu à Liga das Senhoras Católicas e Movimento de Arregimentação Feminina, que criou a Marcha com Deus pela Família, para a derrubada do Governo Goulart. Ela foi casada com o DR. **CAROLINO DA MOTA E SILVA**. Sem geração.

#### § 6º

### Os “Júlios” (jornalistas)

III – **JÚLIO DE MESQUITA FILHO**, Dr. *Julinho* (14 de fevereiro de 1892 – 12 de julho de 1969)<sup>29</sup>, filho de Júlio Mesquita (§2). Estudou na Suíça. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo, onde teria integrado a Bucha

<sup>26</sup> BARATA, Carlos Eduardo Almeida; BUENO, Antonio Henrique Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*, II, p. 1995.

<sup>27</sup> Cemitério da Consolação, quadra 25, túmulo 14.

<sup>28</sup> *O Estado de S. Paulo*, 3 de maio de 1974, obituário (com fotografia), p. 23.

<sup>29</sup> *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 11 de julho de 1999, caderno *As lutas de um liberal*.

(Maçonaria universitária paulistana influente nos primeiros governos republicanos). Foi um dos líderes da Revolução Constitucionalista de 1932 e do Golpe de 1964. Membro da Academia Paulista de Letras (cadeira nº 38). Presidiu a comissão encarregada de planejar e implantar a Universidade de S. Paulo (USP). Diretor-responsável do jornal *O Estado de S. Paulo* (1927-1969, com interrupção entre 1940 a 1945). Casou-se com **MARINA VIEIRA DE CARVALHO**, filha do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho (Campinas, 5 de janeiro de 1867 – S. Paulo, 5 de junho de 1920) e Constança de Mello e Oliveira (trineta do Dr. Francisco de Mello Franco, Pai da Puericultura brasileira e que saiu no Auto da Fé de 26 de agosto de 1781)<sup>30</sup>, neta paterna de Joaquim José Vieira de Carvalho<sup>31</sup> e Carolina Xavier de Carvalho, neta materna de Luiz José de Mello e Oliveira, barão de Melo e Oliveira (neto do professor Stanislau José de Oliveira, 1771-1823, “cristão-novo”, segundo o seu tetraneto o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira)<sup>32</sup> e Ana Flora Vieira Bueno. O Dr. Arnaldo foi médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, diretor-clínico da Santa Casa de Misericórdia paulistana e fundador e primeiro diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. Júlio e Marina são os pais de:

- 1 (IV) – JÚLIO DE MESQUITA NETO, *que segue*.
- 2 (IV) – RUY MESQUITA, *que segue no §7º*.
- 3 (IV) – LUÍS CARLOS MESQUITA, *que segue no §8º*.

IV – **JÚLIO DE MESQUITA NETO** (S. Paulo, 11 de dezembro de 1922 – idem, 5 de junho de 1996)<sup>33</sup>, filho de Júlio Mesquita Filho (§6). Estudou no Colégio S. Luís (jesuíta). cursou Filosofia e Direito na Universidade de S. Paulo (USP). Oficial da Reserva (2º Tenente), jornalista e Diretor-responsável do jornal *O Estado de S. Paulo* (1969-96). Casou-se com a prima **OCTÁVIA DE CERQUEIRA CÉSAR, Zulu**, filha de Bento de Cerqueira César e Ana Luísa de Mesquita, *Donana*, neta paterna de José Alves de Cerqueira César e Maria do Carmo Sales e neta materna de Antonio Júlio Nogueira

<sup>30</sup> ANTT, Processo nº 16055 (Inquisição de Lisboa, 1781).

<sup>31</sup> O Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho (1841-1899), juiz em Campinas, professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, deputado e senador foi o primeiro Venerável (presidente) da Loja maçônica “Independência” nº 0131 em Campinas entre 1867 a 1870 (ele chegou ao grau 18 – Cavaleiro ou Soberano Príncipe Rosa-Cruz). Vários membros deste clã usaram o espaço de socialização da maçonaria para a viabilização dos projetos políticos (Campos Sales, Júlio Mesquita, etc.).

<sup>32</sup> *Cientistas do Brasil. Depoimentos. Edição comemorativa dos 50 anos da SBPC, “Roberto Cardoso de Oliveira”, p. 551.*

<sup>33</sup> *O Estado de S. Paulo*, 6 de junho de 1996, caderno “Adeus”.

da Silva e Adelaide Mesquita (já identificados anteriormente). Júlio e Octávia são os pais de:

- 1 (V) – JÚLIO CÉSAR FERREIRA DE MESQUITA (1951), jornalista.
- 2 (V) – MARINA DE CERQUEIRA CÉSAR MESQUITA (1956), psicóloga.

#### § 7º

IV – **RUY MESQUITA** (S. Paulo, 16 de abril de 1925), filho de Júlio Mesquita Filho (§6º). Jornalista e diretor do *Jornal da Tarde* e do *O Estado de S. Paulo*. Organizou o livro *Cartas do Exílio* (2006) com a correspondência de Júlio de Mesquita Filho e a sua esposa Marina nos anos 30 e 40. Casou-se com **LAURA MARIA SAMPAIO LARA**, *Laurita*. Ruy e Laura são os pais de:

- 1 (V) – RUY MESQUITA FILHO (1950), jornalista.
- 2 (V) – FERNÃO LARA MESQUITA (1952), jornalista.
- 3 (V) – RODRIGO LARA MESQUITA (1954), jornalista, casado com a jornalista Eliane Gamal, filha de Salim Gamal e Judith Homsí, judeus sefaraditas, com geração<sup>34</sup>.
- 4 (V) – JOÃO LARA MESQUITA (1955), radialista.

#### § 8º

IV – **LUÍS CARLOS MESQUITA**, *Carlão* (S. Paulo, 31 de dezembro de 1929 – 1970), filho de Júlio Mesquita Filho (§6º). Casou-se com SARA MARJORIE “MESQUITA”. São os pais de:

- 1 (V) – PATRÍCIA MARIA DE MESQUITA (1960), co-autora (com Aluízio Falcão) do livro *Retrato de uma redação* (2002).

#### § 9º

#### Os “Chicos” (administradores)

III – **FRANCISCO FERREIRA DE MESQUITA**, *Dr. Chiquinho* (22 de abril de 1893 – 8 de novembro de 1969), filho de Júlio Mesquita (§2). cursou Direito na Faculdade de Direito de S. Paulo. Possuía “*grande tino administrativo e econômico*”<sup>35</sup>. Deputado e fazendeiro de café em Garça e Avaré. Lutou na Revolução Constitucionalista de 1932. Casou-se com **ALICE VIEIRA DE CARVALHO**, *Dona Alicinha* (1901 – 1992), filha do Dr. Arnaldo

<sup>34</sup> MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes do Oriente Médio. S. Paulo e Rio de Janeiro*. CD *Esboços Genealógicos*. Título *Homsí / Kiboudi / Gamal*.

<sup>35</sup> *O Estado de S. Paulo*, 9 de novembro de 1969, obituário.

Vieira de Carvalho e Constança de Mello e Oliveira (já identificados anteriormente). Francisco e Alice são os pais de:

- 1 (IV) – LUÍS VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA, que segue.
- 2 (IV) – JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA, que segue no §10º.
- 3 (IV) – MARIA CECÍLIA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA, que segue no §11º.

IV – **LUÍS VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA**, *Zizo* (23 de outubro de 1921 – 3 de março de 1997)<sup>36</sup>, filho de Francisco Mesquita (§7º). Fazendeiro e engenheiro formado pela Escola Politécnica da USP. Dirigiu as reformas introduzidas no Grupo Estado do qual foi Presidente do Conselho Administrativo. Presidiu também a Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo por trinta anos. Casou-se com **MARIA ALICE CRISSIUMA**, filha de Ruy Freitas Crissiuma e Alice de Sousa Queiroz (bisneta do Brigadeiro Luís Antonio e do Senador Vergueiro) e pela segunda vez com Deyse Catoira (sem geração). Luís e Maria Alice são os pais de:

- 1 (V) – ROBERTO CRISSIUMA MESQUITA (1959), administrador de empresas, C.C. ANDRÉA DE BRITO, com geração.
- 2 (V) – MARIA LUÍSA CRISSIUMA MESQUITA (1961), publicitária, C.C. JOSÉ FRANCISCO FREIRE DE BRITO, com geração.
- 3 (V) – FERNANDO CRISSIUMA MESQUITA (1962), engenheiro, C.C. RENATA CARVALHO PINTO COUTINHO, com geração.
- 4 (V) – ANNA MARIA MESQUITA (1964), psicóloga, C.C. THOMAS ECKSMIDT, com geração.

#### §10º

IV – **JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA**, *Dr. Juca* (1924 – 26 de julho de 1988), filho de Francisco Mesquita (§9º). Diretor administrativo do Grupo Estado. Casou-se com **THERESA ISABEL FERRAZ DE SAMPAIO**. José e Teresa Isabel são os pais de:

- 1 (V) – FRANCISCO MESQUITA NETO (1955), Chiquinho, administrador de empresas, C.C. MÔNICA MESQUITA.
- 2 (V) – ANA ALICE MESQUITA C.C. o primo CLÁUDIO DE SALES OLIVEIRA, filho de Silvio de Sales Oliveira e Eva Claudia de Oliveira, com geração.
- 3 (V) – ISABEL THERESA MESQUITA (separada) C.c. o primo SÉRGIO LUÍS COUTINHO NOGUEIRA, filho do Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira (bisneto do Presidente Campos Sales, já identificado

<sup>36</sup> *O Estado de S. Paulo*, 5 de março de 1997, pp. A17-8.

anteriormente, e pentaneto de José Bonifácio, o Patriarca da Independência) e de Maria Tereza do Castro Prado. Com geração.

- 4 (V) – MARIA DE NAZARETH MESQUITA, analista de sistemas, C.C. WALTER PEREZ, com geração.

§ 11º

- IV – **MARIA CECÍLIA VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA** (1928), filha de Francisco Mesquita (§7). Diretora do *Suplemento Feminino* de *O Estado de S. Paulo*.

§ 12º

- III – **SARA MESQUITA** (03 de janeiro de 1896 – 28 de julho de 1984)<sup>37</sup>, filha de Júlio Mesquita (§2). Casou-se com o advogado **DR. ANTONIO MACHADO DE MENDONÇA** (9 de agosto de 1896 – 1º de março de 1952), filho de João Jacinto de Mendonça e Maria Machado de Mendonça. Sara e Antonio são os pais de:

- 1 (IV) – **JORGE MESQUITA MENDONÇA** (1921-2006), C.c. **MARIA TEREZA PENTEADO** (um filho do casal é o advogado, jornalista e membro da Academia Paulista de Letras, Antonio Penteado de Mendonça).
- 2 (IV) – **PAULO MESQUITA MENDONÇA**, jornalista, C.c. **VERA MARIA DA CONCEIÇÃO**.

§ 13º

- III – **JUDITH MESQUITA** (1897-1963), filha de Júlio Mesquita (§2). Casou-se com **CARLOS VIEIRA DE CARVALHO** (19 de setembro de 1898 - 1954), industrial, engenheiro e Presidente da Metalúrgica La Fonte, filho do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho e Constança de Mello e Oliveira (já identificados anteriormente). Judith e Carlos são os pais de:

- 1 (IV) – **MARCO ANTONIO VIEIRA DE CARVALHO**, *Caco* (1926 – S. Paulo, 21 de agosto de 2006). Foi Comodoro do Iate Clube de Santos, associação fundada por seu pai, durante 35 anos. Casado por duas vezes: a primeira com Helena Maria América Sabino de Sousa Queirós, apelidada *Colibri* e depois com Silvana Vieira de Carvalho, com geração de ambos leitos.

---

<sup>37</sup> *O Estado de S. Paulo*, 29 de julho de 1984, obituário, p. 22.



## §14º

- III – **LIA MESQUITA** (26 de março de 1899 – 25 de maio de 1980)<sup>38</sup>, filha de Júlio Mesquita (§2). Fundou com o irmão Alfredo a Livraria Jaraguá na rua Marconi, “*ponto dos escritores da época, quem comprava ou discutia livros aproveitava para tomar uma xícara de chá com ótimos acompanhamentos feitos em casa*”<sup>39</sup>. Participou da peça “*O Contratador de Diamantes*” de Afonso Arinos, encenada em 1919 no Teatro Municipal de S. Paulo por membros da alta sociedade paulistana<sup>40</sup>.

## §15º

- III – **ALFREDO MESQUITA** (26 de novembro de 1907 – 23 de novembro de 1987), filho de Júlio Mesquita (§2). Escritor, crítico de teatro e artes. Curso a Faculdade de Direito de SP, Sorbonne e o College de France. Fundou e dirigiu o Grupo de Teatro Experimental e a Escola de Arte Dramática (EAD), a revista *Clima* e a Livraria Jaraguá.

---

<sup>38</sup> *O Estado de S. Paulo*, 27 de maio de 1980, obituário, p. 16.

<sup>39</sup> OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. *Elos de uma corrente – seguidos de novos elos*, p. 272.

<sup>40</sup> BIVAR, Antonio. *Yolanda*, p. 63.

Francisco filho legítimo de Joaquim Ferreira Monteiro, e de D.  
 Luiza Margarida Pereira da Mesquita do lugar de Pedras da  
 freguesia de San Christovão de Parada de Cumbas, e le-  
 gítimo batismo de José Joaquim Pereira, e de Luiza Maria da  
 freguesia de Santa Maria dos Reis da Villa de Gouveia;  
 e Materno de José Maria da Mesquita, e de Ilhera Maria  
 Pereira do lugar de Pedras desta freguesia, Nascido aos nove  
 dias do Mes de Setembro do Anno de mil e cento e trinta  
 e oito, e foi baptizado aos dezasseis dias do dito Mes Anno  
 de mil e cento e trinta e oito, em nome do Santo Padre  
 São Pedro, Francisco Manoel de Moraes, Sacerdote Titulo  
 da Mesquita Alameda de San Comod de Valle na Província do  
 Minho, Arcebispo de Braga, e eu o baptizante toquero  
 baptizado por invocação do sobre dito Sr. Senhor, e Madra-  
 nha Mariana Pereira Soares do lugar de Pedras desta freguesia,  
 e lhe puz os Santos Oros, para constar por este termo que  
 assignei, dia, Mes, e anno supra. Na Paroquia de Paro  
 D. ... Luiza Pereira Gonçalves



ARQUIVO  
 DISTRITAL DE  
 VILA REAL

**GENEALOGIA**  
--:-- DE --:--

**Armando de Salles Oliveira**  
(O Leon Blum do Brasil)

O verdadeiro nome de Armando de Salles Oliveira é ARMANDO FELDMAN MORETZOHN. Origina-se elle de uma familia JUDAICA—ASKENAZIN dos •JUDENWIETELS da Germania, a qual, localizando-se primitivamente em Campinas (Est. S. Paulo), depois se espalhou por este Estado e pelo de Minas-Geraes. E' parente proximo do famoso judeu David Feldman Moretzsohn, mais conhecido por David Campista, o qual foi Ministro do Conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna. E' casado com a Sra. RACHEL Mesquita, irman de D. SARAH e D. LIA, todas tres filhas do conhecido jornalista JULIO MESQUITA, fundador e director do «Estado de S. Paulo», grande orgão da imprensa bandeirante, do qual é hoje o dr. Armando de Salles, sinão o maior, pelo menos um dos maiores accionistas, e por certo orientador supremo. Julio Mesquita, seu sogro, era filho do JUDEU-SEPHARDIM portuguez Mesquita, RABINO em Campinas e chefe do KAHAL paulista. Do Dr. Armando de Salles, notoriamente ligado ás finanças judaicas internacionaes — como já o denunciou e provou o valente e culto Geraldo Rocha pelas columnas da «A NOTA» — é conselheiro privado do aglissimo banqueiro paulista NUMA OLIVEIRA, representante da judiaria capitalista no Brasil. O Dr. Armando de Salles é tambem MAÇON, grão 33, como consta do «BOLETIM DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL». Tanto isso é uma verdade, que nenhum maçon nega, que em recente «PLANCHAS» que o «GRANDE ORIENTE» enviou a todas as «LOJAS» do Brasil foi seu nome PARTICULARMENTE recommendado «AOS SUFFRAGIOS DE TODOS OS IRMÃOS, QUE COLLOCAM ACIMA DE SUAS SYMPATHIAS PESSOAS E PREFERENCIAS PARTIDARIAS OS DEVERES DE FIDELIDADE E OBEDIENCIA A' ORDEM».

JUDEU É MAÇON — eis o que é o Leon Blum brasileiro ! . . . .

N. B.— A traducção de Feldman é homem do campo.  
CATHOLICOS ! . . . CUIDADO ! . . . CUIDADO ! . . .

Documento 2: Volante anti-semita



Documento 3: Túmulo da família “Ferreira de Mesquita”, S. Paulo (§ 1º nº I)